

TRANSLOCALIDADE, REPERTÓRIOS E INDEXICALIDADE: EFEITOS
CONSTITUTIVOS DO DISCURSO CONTEMPORÂNEO EM ESPAÇOS
DIGITAIS SUPERDIVERSOS

TRANSLOCALITY, REPERTOIRES AND INDEXICALITY: CONSTITUTIVE
EFFECTS OF CONTEMPORARY DISCOURSE IN SUPERDIVERSE DIGITAL
SPACES

Adolfo TANZI NETO

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

adolphotanzi@letras.ufrj.br

Grassinete C. de Albuquerque OLIVEIRA

Universidade Federal do Acre – (UFAC-Capes)

grassinete@hotmail.com

RESUMO:

Neste artigo discutimos como os diferentes encontros com a língua nos levam a diferentes níveis de conhecimento/reconhecimento linguístico travestidos em repertórios linguísticos superdiversos. Nesse sentido, apoiamos-nos na discussão de Blommaert (2010, 2013, 2015); Blommaert & Backus (2012); Silverstein (1985) e Vertovec (2007), sobre como os repertórios linguísticos, de contextos superdiversos, estão ideologicamente carregados de características semióticas; de valores implícitos de identidade e poder que geram níveis de indexicalidade, marcas deixadas das interações com as linguagens que determinam sentimentos de pertença, cultura, identidade e papéis na sociedade. Ao discutirmos esses esquemas sócio-históricos de atividades humanas situadas, atentamos-nos para as interações da vida social em sua historicidade, buscando interpretações locais dessas atividades, baseadas em uma visão translocal atribuídas de gênero, manipulação, poder, posições ideológicas e identidade. Para esta discussão, buscamos em interações on-line de jornais digitais no Brasil, entender como repertórios linguísticos/discursos superdiversos de representantes de Estado (Donald Trump, Marine Le Pen e Jair Bolsonaro) de uma cultura ideológica específica, mediada em situações de interesse humano, indexalizam os repertórios linguísticos/discursos locais, ou seja, deixam marcas de sentimentos de pertença, cultura, identidade em nosso contexto brasileiro.

PALAVRAS-CHAVE: translocalidade; indexicalidade; discursos superdiversos; contexto digital.

ABSTRACT:

In this article, we discuss how the different encounters with the language take us to different levels of knowledge/linguistic recognition converted into super diverse linguistic repertoires/speeches. In this sense, we support the discussion of Blommaert (2010, 2015); Blommaert & Backus (2012); Silverstein (1985) and Vertovec (2007), on how the linguistic repertoires of superdiverse contexts are ideologically loaded with semiotic features; of implicit values of identity and power that generate levels of indexicality, marks left of interactions with the languages that determine feelings of belonging, culture, identity and roles in society. In discussing these situated socio-historical schemas of human activities, we look at the interactions of social life in its historicity, seeking local interpretations of these activities, based on a translocal vision attributed to genre, manipulation, power, ideological positions and identity. For this discussion, we seek in online interactions of digital newspapers in Brazil, to understand how superdiverse linguistic repertoires/discourses of heads of state (Donald Trump and Marine Le Pen, Jair Bolsonaro) of a specific ideological culture, mediated in situations of human interest, indexicalize local linguistic repertoires/discourses, that is, they leave marks of feelings of belonging, culture, and identity in our Brazilian context.

KEYWORDS: *translocality; indexicality; superdiverse discourses; digital context.*

0. Introdução

Em um contexto pós-moderno, os sujeitos se engajam em uma grande variedade de grupos, redes e comunidades, nos quais os recursos da língua são apreendidos por meio de táticas, trajetórias e tecnologias em encontros linguísticos formais e informais (Blommaert; Backus, 2012). Esses encontros com a língua nos levam a diferentes níveis de conhecimento/reconhecimento linguístico, desenvolvidos em repertórios que são “funcionalmente distribuídos em uma rede de competências e habilidades” (BLOMMAERT; BACKUS, 2012, p.1).

Nesse sentido, para Blommaert (2015), esses repertórios estão ideologicamente carregados de características semióticas; de valores implícitos de identidade e poder que podemos chamar de “cultura”, mas, para entendermos a cultura de determinado contexto, precisamos olhar para as interações da vida social em sua historicidade, buscando interpretações locais baseadas em uma visão translocal, ou seja, que estão “historicamente configuradas, atribuídas de gênero, manipulação,

posição e identidade” (BLOMMAERT, 2015, p.05). Para Silverstein (1985) e Blommaert (2015), as interações, ou um evento semiótico, são uma instável troca de formas de signos, mediadas por uma cultura ideológica de situações contextualizadas de interesse de uso humano.

Blommaert (2015) busca, pela análise do contexto/condição de uma ação semiótica, entender como esquemas sócio-históricos são reconstituídos em uma atividade situada. Para tanto, discute que o que acontece em uma ação semiótica normalmente é levado para a outra ação, ou seja, é irreduzivelmente dialética na natureza. É uma interação mútua instável de formas significativas de signos, contextualizada para situações de interesse de uso humano e mediada pela circunstância de uma ideologia cultural (SILVERSTEIN, 1985, p.220).

Com efeito, marcas são deixadas por interações com as linguagens que criam ordens de indexicalidade que determinam sentimentos de pertença, cultura, identidade e papéis na sociedade.

Buscaremos, neste artigo, refletir sobre alguns efeitos constitutivos do discurso contemporâneo nos espaços digitais superdiversos e como as discussões de translocalidade, repertórios e indexicalidade de Blommaert podem trazer novos olhares para as questões emergentes desses efeitos nesse tempo-espaço de interações humanas.

1. A Superdiversidade e os entrelaces na era pós-moderna

Inserimo-nos em um contexto de inúmeras transformações que ocorrem nos mais diferentes âmbitos sociais, culturais, linguísticos, econômicos, entre outros, que nos obrigam a estar constantemente saindo do estado de repouso para entender os deslocamentos e os mecanismos de força-poder que a sociedade digital globalizada vivencia. Sem dúvida que, para compreendermos essas transformações, parte-se do princípio de que é preciso um olhar científico para explicitar conceitos teóricos como globalização, multiculturalismo, multilinguismo, fronteiras ou superdiversidade, somente para citar alguns. Todavia, segundo Fiorin (2013), tais conceitos científicos não têm a pretensão de verdades absolutas, mas de consensos provisórios que ajudam a compreender como acontecem esses fenômenos.

Em contrapartida, essa necessidade de tentar compreender esses processos nos obrigou a pensar em como noções relativas ao tempo, espaço, fronteiras apresentam marcas de rupturas que afetam diretamente a nossa constituição identitária, linguística e cultural, sendo que na perspectiva de Kumaravadivelu (2006), é na pós-modernidade que se celebra a diferença, desafia as hegemonias e busca-se novas formas de interpretação e de expressão.

De igual modo e conforme propõe Vertovec (2007), termos como modernidade tardia, condição pós-moderna, superdiversidade, entre outros, surgiram para refletir sobre as diferentes condições que caracterizam a formação das sociedades contemporâneas, as variadas origens, conectadas de modo transnacional e influenciadas pelos impactos das tecnologias de informação e comunicação, principalmente as digitais. Rymes (2010) confirma que contatos linguísticos e culturais frequentes fizeram com que se ampliassem os repertórios comunicativos e esse aumento está ligado a fatores próprios da superdiversidade, ou seja, imigração, expansão e desenvolvimento das tecnologias em geral e a questões de mobilidade social.

Blommaert (2013) destaca que o fato de pessoas migrarem, para os mais diversos lugares, faz com que ocorra uma enorme diversidade cultural e social, especialmente nos centros urbanos do mundo. O autor, ao citar Castells ([1996] 2000), indica que aliado a esse movimento surgiu a "sociedade em rede", já que a propagação da internet e de outras formas de comunicação móvel, possibilitaram uma "relação virtual" entre pessoas dos mais diferentes lugares. Ainda para o autor, estas duas forças remodelaram a vida social em todo o mundo, fazendo surgir novas formas de comunicação humana, o que fez com que as mudanças sociais ocorressem concomitantemente com as transformações sociolinguísticas, levando a produzir, diante da complexidade, novas terminologias para tentar descrever tais fenômenos, como práticas transidiomáticas, languageiras, de multilinguismo.

Como consequência dessa complexidade linguística, fica evidente que uma identidade individual como algo estável não tem nenhuma utilidade em um mundo marcado, segundo Rajagopalan (2006), pela crescente migração de massas e pela entremesclagem cultural, religiosa e étnica em escala sem precedentes. Desse modo, as identidades do sujeito estão em constante fluxo.

Vertovec (2007) discorre que a noção de superdiversidade deve-se a fatores decorrentes dos processos migratórios, como por distintos perfis de idade e de gênero, por diferentes experiências em mercado de trabalho, pela distribuição espacial e respostas locais variadas, que contribuíram para que a superdiversidade se caracterizasse pelos processos de migração e nas relações sociais e econômicas dos locais aos quais residem. O autor enfatiza que estes fatores incluem:

país de origem (compreende uma variedade de possíveis traços de subconjuntos, como etnia, língua [s], tradição religiosa, identidades regionais e locais, valores e práticas culturais), canal de migração (muitas vezes relacionados com os fluxos de gênero e redes sociais específicas), estatuto jurídico (que determina os direitos), capital humano dos imigrantes (formação educacional), acesso ao emprego

(que pode ou não estar nas mãos dos imigrantes), localidade (relacionado especialmente às condições materiais, mas também a natureza e extensão de outros imigrantes e presença da minoria étnica), transnacionalismo (ênfata como as vidas dos imigrantes são vividas com referência significativa para lugares e povos de outros lugares), [...] (VERTOVEC, 2007, p.1049) (tradução nossa)¹

Esses fatores são complexos, caracterizam e marcam, em maior ou menor grau, algum aspecto da superdiversidade, conforme pontuado por Silva (2015). Desse modo, compreender, por fim, a diversidade dentro da diversidade, como variáveis que afetam onde, como e com quem convivemos, que é imprevisível, tendo em vista que, segundo Blommaert (2013), o "outro" está em constante fluxo, em processo de mudança e do qual pouco se pode supor, é preciso estar guiado nesse mundo superdiverso e na mobilidade, para (con)viver com as complexidades e com as imprevisibilidades que organizam a nossa vida.

2. Olhares sobre a instabilidade do repertório e da indexicalidade em contexto de superdiversidade digital

Como Bakhtin (2003) bem realça, todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem. Ao comunicarmos estamos envolvidos em uma gama dos mais variados gêneros do discurso (orais e escritos) e, por eles, somos constituídos e constituímos na interação. No momento em que nos reportamos a alguém definimos qual o gênero que iremos utilizar diante da dada situação comunicativa, do contexto, do propósito, do interlocutor. A partir de dada circunstância, escolhemos dentro do repertório linguístico, o estilo da fala, o tema, a forma, a entonação, a expressão, ou seja, escolhemos estratégias discursivas para fazer-nos compreender.

Bakhtin (2003) destaca ainda que a riqueza e a diversidade dos gêneros discursivos são imensas, devido às possibilidades das atividades humanas serem inesgotáveis e porque "em cada campo dessa atividade é integral o repertório de gêneros discursivos, que cresce e se diferencia à medida em que se desenvolve e se complexifica um determinado

¹ No original: To recap, these factors include: country of origin (comprising a variety of possible subset traits such as ethnicity, language[s], religious tradition, regional and local identities, cultural values and practices), migration channel (often related to highly gendered flows and specific social networks), legal status (determining entitlement to rights), migrants' human capital (particularly educational background), access to employment (which may or may not be in immigrants' hands), locality (related especially to material conditions, but also the nature and extent of other immigrant and ethnic minority presence), transnationalism (emphasizing how migrants' lives are lived with significant reference to places and peoples elsewhere), [...] (Vertovec, 2007, p.1049)

campo” (BAKHTIN, 2003, p.262). Desse modo, quanto mais contato com diferentes gêneros discursivos, nas mais diferentes esferas, maior é a probabilidade de ampliar o repertório linguístico e do sujeito adquirir mobilidade nos diferentes campos sociais.

De igual modo, Beline (2002) deixa evidente que, embora o indivíduo seja capaz de utilizar diversas variantes linguísticas, é no contato com outros falantes de sua comunidade que o mesmo irá perceber os limites para sua variação individual. Desse modo, ao utilizar a linguagem em determinados contextos e situações comunicativas, é necessário ter a consciência e rever a necessidade de adequar o repertório linguísticos à situação vivenciada.

Por sua vez, Fabrício (2006) acrescenta que nossos sentidos são convencionais, produzidos e sancionados por processos públicos e nunca individual e, por essa razão, a linguagem deve ser compreendida como sistema de ações simbólicas, realizadas em determinados contextos sociais e comunicativos, a fim de produzir efeitos e consequências semânticas convencionais. A autora também se aporta da concepção wittgensteiniana da linguagem no sentido de que o “significado de uma palavra é o uso na linguagem” para evidenciar que falar uma língua é uma prática social, uma forma de vida e, ao compreendermos a linguagem como *jogos de linguagem*, nos quais em seu interior, o significado se constitui através de processos intersubjetivos de negociação, orientados por regras e renormalizações, veremos, como bem salienta a autora, que ocorre um vínculo indissociável entre linguagem, produção de sentidos, contexto, comportamento social e atividades humanas, o que aponta para o entrelaçamento entre cultura, práticas discursivas, conhecimento e visão de mundo.

Por um lado, essa abertura se mostra mais ampla, impossibilitando uma classificação estanque dos gêneros; por outro, coloca-nos em contato com inúmeras possibilidades de enunciados, enunciações, textos e discursos. Nesse prisma, para Pontes (2009), é importante notar que estes enunciados conferem uma identidade social para os interlocutores. Nas palavras da autora, por sermos sujeitos históricos, sociais e culturais, nossa identidade é construída nas atividades sociodiscursivas da qual fazemos partes e dessas atividades emanam múltiplos papéis sociais que se articulam nas diferentes atividades comunicativas.

Com efeito, o modo como nos comunicamos e como atribuímos valor aos objetos, aos quais nos referimos em dada situação comunicativa, ratifica nossa capacidade de indexicalizar significados por meio da linguagem. Pontes (2009) salienta que a linguagem interpreta as práticas sociais, o conhecimento e a experiência, pois ordenamos o mundo e interagimos enquanto membros da sociedade.

Assim, é relevante compreender como se desenvolve o construto teórico de indexicalidade, pois indica como nossos discursos são tecidos em meio a uma prática social, histórica, coletiva e que permeia o mundo social. Fabrício (2013) discorre que nossos sentidos são produtos de processos relacionais, envolvendo múltiplas vozes, que se reciclam cada vez que são mobilizadas em novos contextos.

Para Blommaert (2010) fundamentado em Silverstein (2003), a indexicalidade apresenta-se de duas maneiras: pela ordem indexical, que procura descrever a relação entre língua e cultura, tendo em vista a força comunicativa que a cultura desempenha, não apenas no sentido de representar a realidade por meios de símbolos próprios da cultura, como de relacionar aspectos dessa realidade com grupos, crenças, valores, entre outros. Ou seja, segundo Melo e Moita Lopes (2014), a ordem indexical é produtiva, pois constrói categorias no mundo social que podem se solidificar no tempo e na história, instituindo modos específicos e essenciais para determinados sujeitos e grupos sociais. A segunda, nas proposições de Blommaert (2010), diz respeito aos valores, às normas, crenças que são estratificados e hierarquizados no processo de indexicalização dos discursos, por meio das escalas locais/translocais, pessoal/impessoal, macro/micro, ou seja, na relação entre o social e o sistêmico; e, nesse sentido, propriedades sistêmicas são sempre o contexto (micro) confrontado pela interação social (macro), "atividades sociais entre pessoas (micro) representam o *ambiente* onde características de sistemas ('macro') são ou produzidas ou transformadas" (Archer, 1995, p.11).

Já, o termo escala do qual Blommaert (2010) faz uso, foi emprestado da Geografia e da História para indicar "o movimento de mensagens ou pessoas pelo espaço e pelo tempo que são constituídos por normas, expectativas e códigos" (p. 32). Assim, Melo & Moita Lopes (2014) pontuam que os eventos ou fenômenos sociais, segundo a sociolinguística, ocorrem simultaneamente no espaço e no tempo, sendo indissociáveis e contextualizados socialmente.

A partir deste pensamento, e baseados na contribuição de Blommaert (2015), afirmamos que um dos eixos de entendimento de um contexto superdiverso deve se dar primeiramente por meio de uma análise de tempo e de espaço, partindo da perspectiva dos estudos cronotópicos de Bakhtin (1981). Como se sabe, tais estudos nascem no campo da literatura em 1930, tendo como cerne de discussão o *cronos* (tempo) e o *topos* (espaço), devido à conexão temporal e espacial intrínseca expressada artisticamente na literatura.

Bakhtin (1998 [1975]; 2003 [1952-3]; 2008 [1965]), nessa época, faz o uso da cronotopia para a análise do gênero, ou seja, do espaço e tempo como organizadores dos acontecimentos. Nessa concepção, o tempo e o espaço são molas propulsoras para

reconfiguração de um novo homem, que a cada nova temporalidade estabelece diferentes transformações: "Renovação dos sentidos do passado e criação de sentidos futuros. Aqui, o sentido não morre, já que se inscreve em um espaço-tempo de permanente abertura às transformações" (AMORIM, 2012, p.104).

Bakhtin (1998 [1975]) postula que "há de existir um mundo espaço-temporal adequado, um cronotopo novo para um homem novo, harmonioso, inteiro, e de novas formas para as relações humanas" (p. 238). Nessa mudança, novas regras são estabelecidas hierarquias e poderes são transformados como um sistema de adequação a um novo mundo.

O conceito de cronotopo trata de uma produção da história. Designa um lugar coletivo, espécie de matriz espaço temporal de onde as várias histórias se contam ou se escrevem. Está ligado aos gêneros e a sua trajetória. Os gêneros são formas coletivas típicas, que encerram temporalidades típicas e assim, conseqüentemente, visões típicas do homem (AMORIM, 2012, p.105).

Se quisermos ser induzidos pelas discussões dos gêneros que são estruturas relativamente estáveis, a cada nova matriz de um espaço temporal, novos gêneros devem se estabelecer, transformar-se, reconfigurar-se. Por essa lente, as partes estão ligadas internamente e não desconectadas umas das outras e, somente assim, conseguimos entender/interpretar como novos gêneros, novos usos, novos sentidos, novos conteúdos, novas relações sociais se estabelecem em espaços superdiversos que acreditamos estarem repletos de historicidade semiótica, de questões sócio-históricas e de práticas humanas.

Com efeito, a superdiversidade é o resultado de variáveis sociais e sistêmicas que se relacionam como etnias, línguas, culturas, gêneros, idade, país de origem, entre outros, que se interligam à vida das pessoas em sociedade.

Em face do exposto, na contemporaneidade e em dado contexto digital, não somente acreditamos que essas linhas se tornem mais tênues, como compreendemos que questões translocais e superdiversas são mais facilmente absorvidas aos discursos locais de diferentes grupos. Na última seção buscamos demonstrar como as discussões apresentadas até o momento aparecem nos meios digitais.

3. Análise da translocalidade, repertórios e indexicalidade como efeitos constitutivos de discursos em contextos digitais superdiversos

Nesta seção, buscamos, por meio de uma discussão efervescente em nosso país, a questão dos futuros candidatos à presidência do país para 2018, demonstrar como as fronteiras com diferentes países

apresentam marcas de rupturas que afetam diretamente a nossa constituição identitária, linguística e cultural.

Depois da derrocada do PT (Partido dos Trabalhadores) no país, com o *impeachment* da Presidente Dilma Rousseff, em 2016, diferentes frentes de vertentes mais nacionalistas e de extrema direita começaram a ganhar campo nas discussões políticas brasileiras, principalmente, nas redes sociais.

O jornal InfoMoney traz como frente de capa, na aba de mercado/notícias, de seu jornal on-line, a resposta a uma discussão brasileira sobre o atual Deputado Federal Jair Bolsonaro e o atual presidente dos Estados Unidos, Donald Trump (cf. Figura 1).

Figura 1 – Capa do Jornal Online InfoMoney de 21/09/2017.

Bolsonaro não deve ser o Donald Trump do Brasil, diz Eurasia - e por dois grandes motivos

Mesmo com todas as indicações de que a candidatura de Bolsonaro está ganhando expressivo destaque, consultoria de risco político não acredita que o deputado alcance o mesmo patamar do atual presidente americano

Disponível em: <http://www.infomoney.com.br/mercados/politica/noticia/6967560/bolsonaro-nao-deve-ser-donald-trump-brasil-diz-eurasia-por>. Acesso em 21 set. 2017.

O texto relata que apesar do candidato despontar nas eleições para presidência do país em 2018, como já apontado pelo jornal *Financial Times*, como sucessor do atual presidente Michel Temer, a consultoria de risco *Eurasia Group* acredita ser improvável que o Deputado Federal Jair Bolsonaro seja o “Donald Trump no Brasil”.

Para a consultoria, o descontentamento político brasileiro tem elevado os números de Jair Bolsonaro na corrida presidencial. Entretanto, ponderam se ele seria o principal representante, por não conseguir forjar grandes alianças que lhe proveriam recursos para tanto.

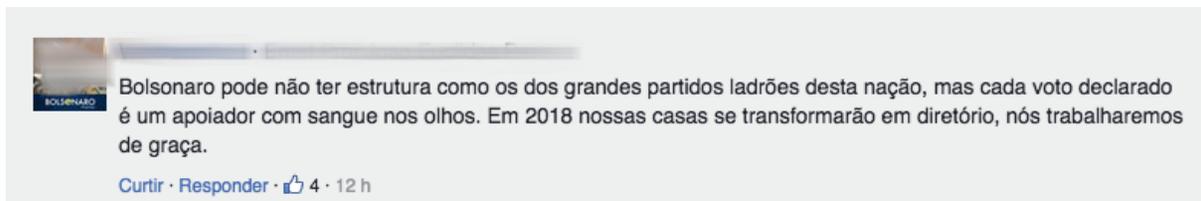
Na discussão de abertura apresentada no jornal, já conseguimos observar os valores implícitos de identidade e poder ideologicamente carregados de características de semióticas de interpretações locais, mas baseadas em uma visão translocal. A discussão ocorre devido a historicidade do acontecido nos EUA com a presidência do Donald Trump, até apontada na discussão do jornal pelo grupo Eurasia sobre o cuidado redobrado para candidaturas “*antiestablishment*”² que aparecerão no Brasil, em 2018. Essa questão foi claramente confirmada na cidade de São Paulo, na candidatura do atual prefeito João Doria,

² *Antiestablishment* é usado para distinguir indivíduos ou grupos que se posicionam, ideologicamente, contra sistemas políticos, econômicos e sociais já estabelecidos em dado contexto sócio-histórico.

com um discurso carregado de posição e identidade de um “gestor” com o objetivo de criar rupturas identitárias do “tradicional político” para uma versão de “político-gestor, sua posição “*antiestablishment*” levou à sua candidatura ao primeiro turno, fato histórico na cidade de São Paulo desde 1992.

Fato que, o discurso Trumpista dos Estados Unidos, a insatisfação mundial para questões políticas, migratórias e das minorias como observado no *Brexit* (a saída do Reino Unido da União Europeia) e a candidatura da Marine Le Pen de extrema direita na França têm propiciado ruptura/espaco para repertórios linguísticos de visões translocais nas discussões mundiais e claramente nas brasileiras, ou seja, nas palavras de Blommaert “historicamente configuradas, atribuídas de gênero, manipulação, posição e identidade” (Blommaert, 2015, p. 05). Esses esquemas sócio-históricos são reconstituídos em uma atividade situada, como podemos observar no excerto de um dos leitores do noticiário apresentado (cf. Figura 1) do jornal InfoMoney (cf. Figura 2).

Figura 2 – Excerto: Leitor do Jornal Online InfoMoney



Esses repertórios, e aqui salientamos, no caso em questão como discurso de ódio, que estão ideologicamente carregados de características semióticas; de valores implícitos de identidade e poder que chamamos de “cultura” de um determinado contexto, tem se propagado nas redes sociais brasileiras, ou seja, são mobilizadas em nossos contextos, sob “autorização/aval” de representantes de Estados translocais de extrema direita.

Nas palavras de Beline (2002), o indivíduo é capaz de utilizar diversas variantes linguísticas, mas é no contato com outros falantes de sua comunidade que o mesmo irá perceber os limites para sua variação individual, todavia, esses limites não são suficientemente claros nas redes digitais, já que determinados discursos parecem ser aceitos como algo normal e naturalmente permitidos. Ao observar os próximos excertos, o atual capitão reformado do Exército e Deputado Federal Jair Bolsonaro, ganha adeptos da extrema-direita ultrarreacionária saudosista da ditadura militar, seguindo o mesmo discurso/posicionamento do Presidente Trump (cf. Figuras 3, 4, 5, 6 e 7).

Figura 3 – Candidato Bolsonaro nos EUA

poder

'O Trump serve de exemplo para mim', diz Bolsonaro em visita aos EUA



Bolsonaro durante evento nos EUA com montagem dele com a faixa presidencial ao fundo

SILAS MARTI
ENVIADO ESPECIAL A BOSTON

09/10/2017 © 17h12



"O Trump serve de exemplo para mim", disse o pré-candidato à Presidência, deputado Jair Bolsonaro, do PSC, numa viagem pelos Estados Unidos nesta semana. "Sei da distância minha para o Trump, mas pretendo me aproximar dele para o bem do Brasil e dos Estados Unidos. Serve para levar exemplos daqui para o Brasil."



Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/poder/2017/10/1925626-o-trump-serve-de-exemplo-para-mim-diz-bolsonaro-em-visita-aos-eua.shtml> Acesso em 08 nov. 2017.

Figura 4 – Declarações polêmicas de Donald Trump – Atentados de Paris



Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/dez-declaracoes-polemicas-de-donald-trump-18564023>. Acesso em 28 set. 2017.

Figura 5 – Bolsonaro – Armas de Fogo

poder

Em Belém, Bolsonaro promete 'arma para todos'



MOISÉS SARRAF
COLABORAÇÃO PARA A FOLHA, EM BELÉM
05/10/2017 © 20h16

Em carro aberto, discursou ao lado da "bancada da bala" paraense –deputado federal delegado Éder Mauro (PSD), deputado estadual coronel Neil (PSD) e vereador sargento Silvano (PSD)– e disse que, com ele, "não existirá o politicamente correto".

"No que depender de mim, com a ajuda de vocês, todos terão porte de arma de fogo", afirmou.

Disponível em: Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/poder/2017/10/1925626-o-trump-serve-de-exemplo-para-mim-diz-bolsonaro-em-visita-aos-eua.shtml> Acesso em 08 nov. 2017.

Figura 6 – Declarações polêmicas de Donald Trump – Casamento gay
Dez declarações polêmicas de Donald Trump

Casamento gay

"É como no golf. Muitas pessoas estão começando a usar tacos maiores, que são poucos atrativos. Você vê grandes jogadores com esses tacos enormes porque eles não conseguem mais tirar uma bola da terra com um taco comum. E eu odeio isso. Sou um tradicionalista. Tenho vários amigos fabulosos que vieram a ser gays, mas sou um tradicionalista."

9 de 10



Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/dez-declaracoes-polemicas-de-donald-trump-18564023>. Acesso em 28 set. 2017.

Figura 7 – Bolsonaro – Casamento gay

POLÍTICA

Bolsonaro sobre casamento gay: 'não querem igualdade, e sim privilégios'

Deputado diz que nunca vai mudar de opinião sobre o assunto: 'eu sou parlamentar para pregar o que eu bem entender'



Mariana Bittencourt

16 MAI 2013 09h16 atualizado às 10h59

O deputado federal Jair Bolsonaro (PP-RJ) criticou a decisão do Conselho Nacional de Justiça (CNJ) que aprovou o casamento civil entre pessoas do mesmo sexo no País e entrou em vigor nesta quinta-feira. "O Judiciário, a exemplo do Supremo, tem avançado sobre a Constituição. Está bem claro na Constituição aqui: a união familiar é um homem e uma mulher. (...) Essas decisões aí só vêm a cada vez mais solapar a unidade familiar, os valores familiares: vai jogar tudo isso por terra", disse Bolsonaro. O deputado criticou a comunidade LGBT por buscar o direito ao matrimônio civil: "eles não querem igualdade, eles querem privilégios".

Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/brasil/politica/bolsonaro-sobre-casamento-gay-nao-querem-igualdade-e-sim-privilegios,99ff52d635aae310VqnVCM4000009bcceb0aRCRD.html> Acesso em 08 nov. 2017.

Desse modo, ao pensarmos a questão de indexicalidade apresentada por Blommaert (2010), pois é pela ordem indexical que descrevemos a relação entre língua e cultura, observando a força comunicativa que a cultura desempenha, não somente no sentido de representar a realidade por meios de símbolos próprios da cultura, como de relacionar aspectos dessa realidade com grupos, crenças, valores, entre outros, notamos que há um reconhecimento/validação de grupos pelo discurso do ódio, polêmico e ultraconservador, propagado por esses representantes políticos, como apresentado nas figuras anteriores (cf. Figuras 3, 4, 5, 6 e 7).

Com efeito, fazendo uso de discursos polêmicos e ultraconservadores (cf. Figuras 8, 9 e 10), o candidato à presidência dos EUA vence as campanhas eleitorais negando valores éticos, tensionando ainda mais as questões sobre minorias, os direitos humanos e coletividade, promovendo rupturas para surgimento de novos espaços identitários, culturais e linguísticos.

Figura 8 – O discurso de ódio em campanhas eleitorais

O discurso do ódio em campanhas eleitorais... e Trump venceu!

POR CONGRESSO EM FOCO | 08/07/2017 15:00

CATEGORIA(S): DIREITOS HUMANOS, FÓRUM, OUTROS DESTAQUES, POLÍTICA EXTERNA



"A liberdade de expressão não é absoluta e não pode ser invocada para a prática de intolerância e de preconceito de qualquer ordem", lembram pesquisadores

Deysi Cioccarl *

Vanderlei de Castro Ezequiel **

A sociedade contemporânea vive uma época de exacerbação dos discursos negativos gerando um clima de animosidade que tensiona as coletividades. Além de aumentar a crise global dos direitos humanos, a negação de valores éticos acaba por justificar agressões políticas e aumento da vulnerabilidade de minorias. Diariamente, as agências de notícias divulgam violações de direitos

Disponível em: <http://congressoemfoco.uol.com.br/noticias/outros-destaques/o-discurso-do-odio-em-campanhas-eleitorais-e-trump-venceu/>. Acesso em 15 set. 2017.

Figura 9 – Frases polêmicas de Trump – Islã e Terrorismo

“Na Guerra Fria, tínhamos um teste de verificação ideológica. Já passou da hora de desenvolvermos um novo teste”

- Em comício de agosto de 2016

Disponível em: <http://infograficos.oglobo.globo.com/mundo/frases-polemicas-trump.html#propostas>. Acesso em 27 set. 2017.

Figura 10 – Frases polêmicas de Trump – Constatações Pessoais

“Eu poderia parar no meio da Quinta Avenida e atirar em alguém, e não perderia quaisquer eleitores, ok?”

- Em evento de campanha em janeiro de 2016

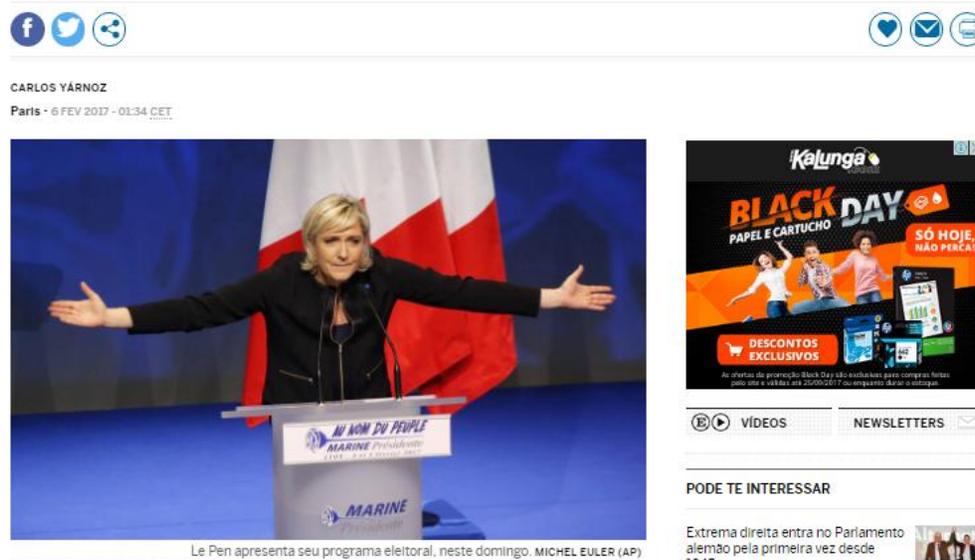
Disponível em: <http://infograficos.oglobo.globo.com/mundo/frases-polemicas-trump.html#propostas>. Acesso em 24 set. 2017.

Na mesma vertente e com o mesmo objetivo, a ultranacionalista, protecionista de extrema direita, Le Pen, candidata à presidência da França, que representava interesses da oligarquia, apresenta discurso polêmico sobre questões migratórias, religiosas e sobre as minorias francesas. Derrotada, em segundo turno, nas eleições de maio deste ano, é eleita deputada na Assembléia Nacional, confirmando ainda espaço da extrema direita na cena política mundial (cf. Figura 11).

Figura 11 – Le Pen - discurso xenóforo e protecionista

Le Pen inicia campanha na França com discurso xenóforo e protecionista

A líder da ultradireitista Frente Nacional promete defender os franceses da UE, dos estrangeiros e dos muçulmanos



Disponível em:

https://brasil.elpais.com/brasil/2017/02/05/internacional/1486311781_647565.html. Acesso em 25 set. 2017.

Na perspectiva de Melo & Moita Lopes (2014), como já discutimos, a ordem indexical constrói categorias no mundo social que podem se solidificar no tempo e na história, instituindo modos específicos e essenciais para determinados sujeitos e grupos sociais. Blommaert (2003) atesta que o que é globalizado não é uma língua abstrata, mas determinados modos de falar, estilos e formas de práticas letradas que permitem que tais variedades globalizadas penetrem em contextos locais existentes, reorganizando os repertórios existentes e as hierarquias relacionais entre seus componentes.

Para o autor, o termo escala indica “o movimento de mensagens ou pessoas pelo espaço e pelo tempo que são constituídos por normas, expectativas e códigos” (Blommaert, 2010, p. 32), e que nas palavras de Melo & Moita Lopes (2014) são os eventos ou fenômenos sociais que ocorrem simultaneamente no espaço e no tempo, sendo indissociáveis e contextualizados socialmente, ou seja, esses fenômenos sociais, caracterizados em nossa discussão pelo discurso do ódio, ultranacionalista, contra as minorias e questões do coletivo, são indexicalizados por determinados grupos que determinam sentimentos de pertença, cultura, identidade e papéis na sociedade, são sempre

observados por um determinado repertório/discurso; mesmo indo contra a candidatura de um determinado representante de Estado, o discurso se assemelha aos dos candidatos em questão (cf. Figuras 12, 13 e 14).

Figura 12 – Excerto de um leitor de jornal online

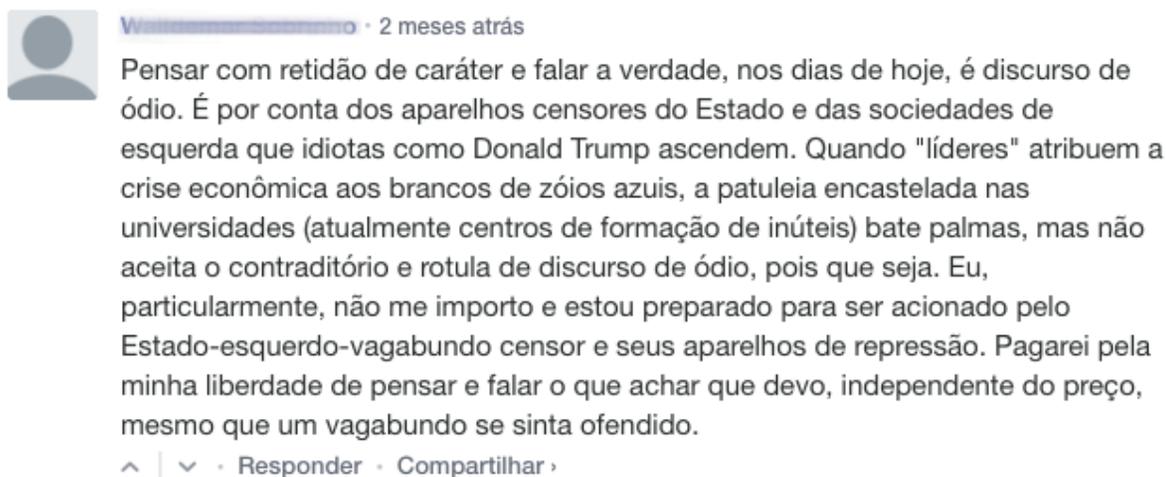


Figura 13 – Excerto de um leitor de jornal online

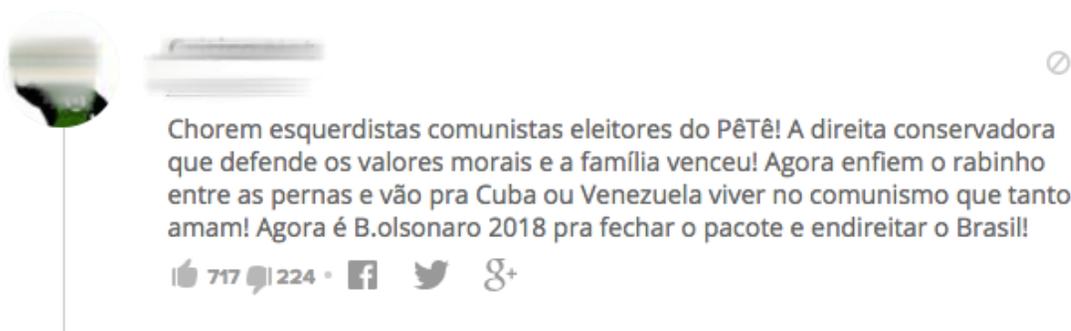
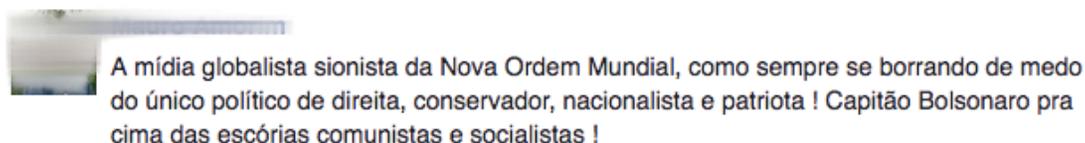


Figura 14 – Excerto de um leitor de jornal online



Pontuamos como a mobilidade de contextos externos é observada nos excertos e apresentada em duas vertentes: de um lado a direita, conservadora dos valores morais e da família, e de outro a esquerda de censura, vagabunda, escória, socialista, comunista e de aparelhos de repressão. Há um entrelaçamento entre cultura, práticas discursivas e

visão de mundo validadas pelos candidatos em questão e, apesar de considerarmos que quando os discursos circulam pelo globo o que vai com eles é a forma, mas o valor, significado ou função nem sempre seguem junto com eles (BLOMMAERT, 2009, p.257); nesses casos em específico, os recursos semióticos que validaram o discurso de ódio empregados por Trump, Le Pen e Bolsonaro, mesmo que recontextualizados, tiveram valor indexical para os leitores do jornal *online*, pois as ideologias linguísticas se entrecortaram, de modo que confrontaram uma multidão de 'outros' para além do que é familiar, do conhecido, do polido (FABRÍCIO, 2013, p. 144).

Outro aspecto significativo é o espaço social onde foram divulgadas as notícias, na mídia digital, que busca, seleciona, recorta, escolhe os modos de representação, além de propor uma certa grade de interpretação/leitura dos acontecimentos do mundo (CHARAUDEAU, 2015 [2005], p.142). Para o autor, a instância midiática não pode ignorar que existe "uma verdadeira dialética entre a descrição inicial do acontecimento e as reações que tal descrição suscita" (p. 143) porque na instância de recepção está o "ator participando da vida pública" (CHARAUDEAU, 2015 [2005], p.143), que tende a reconhecer, participar e reagir diante dos fatos lidos. O espaço social é uma realidade não homogênea que depende, para sua significação, do olhar lançado sobre ele pelos diferentes atores sociais, pelos discursos que produzem para que ecoe no tempo e no espaço. Segundo o autor,

[...] Mortos são mortos, mas para que signifiquem "genocídio", "purificação étnica", "solução final", "vítimas do destino", é preciso que se insiram em discursos de inteligibilidade do mundo que apontam para sistemas de valores que caracterizam os grupos sociais. Ou seja, para que o acontecimento exista é necessário *nomeá-lo*. O acontecimento não significa em si. O acontecimento só significa enquanto acontecimento em um discurso. [...] (CHARAUDEAU, 2015 [2005], p.131-132)

Esses acontecimentos materializados por meio do discurso de ódio, conforme os excertos analisados, apontam para os efeitos constitutivos do discurso, ou seja, contribui para a construção de identidades sociais ou posições de sujeito; que é capaz de construir relações sociais e, também, contribui para a construção de sistemas de conhecimentos e de crenças (FAIRCLOUGH, 2001, p.64). Essas "crenças" bem marcadas pelas ordens de indexicalidade apresentadas por meio dos dêiticos que marcam o sujeito no discurso "Eu, particularmente, não me importo e estou preparado..." (cf. Figura 12), dos adjetivos, que valorizam a "direita conservadora" (cf. Figura 13) e desqualificam a esquerda, como em "Estado-esquerdo-vagabundo" (cf.

Figura 12) e “esquerdistas comunistas” (cf. Figura 13), “escórias comunistas e socialistas (cf. Figura 14) denotam que, apesar do veículo ser um jornal *online*, os sujeitos que dialogam com essa notícia nos comentários consideram que os eventos sociais foram apresentados como informações socialmente permitidas, de modo a fazer parecer que nessa esfera comunicativa não há qualquer necessidade de adequação do discurso.

Por ser um jornal *online*, que não há uma interação face a face, o espaço e o tempo configuram-se de maneira diferente. Ao veicular a notícia e possibilitar a interação dela por meio do comentário, todos os valores inerentes aos sujeitos participantes ficam gravados nesse meio, o que gera possibilidades de releituras, de modalização do discurso, de uma possível identificação desse sujeito/autor, de conhecer o posicionamento desse sujeito acerca daquilo que foi divulgado, entre outros.

Nos excertos em que há o comentário dos leitores, esses mobilizaram sentidos de valor de ordens de indexicalidade relativa a preconceitos, posicionando-se de maneira agressiva, com escolhas lexicais de baixo calão e que, *a priori*, não seriam próprias para o espaço onde a notícia foi divulgada, como: “[...] mesmo que um vagabundo se sinta ofendido” (cf. Figura 12) e “[...] agora enfiem o rabinho entre as pernas [...]” (cf. Figura 13). No espaço do jornal *online*, a organização tornou-se local e translocal, real e virtual, que causa impactos no desenvolvimento de repertórios semióticos (BLOMMAERT, 2010) desses sujeitos entrelaçados sócio-histórico e culturalmente que o autorizam a dizer o que pensam, mesmo que o espaço de circulação não seja o mais adequado, pois a finalidade é de replicar o discurso das rupturas identitárias, culturais e linguísticas dos representantes de Estados que admiram.

Durante toda a figura 12 o sujeito/autor tenta deixar evidente que o discurso de ódio foi estabelecido pelo partido político da esquerda. O marcador temporal “nos dias de hoje”; pela adversativa “mas não aceita”; pela explicativa “pois que seja”, diante dos verbos no presente do indicativo “é discurso de ódio”; “bate palmas”; “atribuem a crise econômica”; “estou preparado para ser acionado”; “pagarei pela minha liberdade de pensar e falar”, entre outros, atualizam e ratificam as ordens de indexicalidade do discurso de ódio desse sujeito/autor, que considera o espaço em que está inserido como o lugar habitual, de convivência, livre de possíveis coerções, ou seja, ao situar em escala pessoal, os efeitos semânticos atribuem significados pertinentes, que justificam o discurso empregado e a aceitação pelo grupo que representa.

4. Considerações Finais

Em nossa argumentação, buscamos refletir sobre questões emergentes que precisam ser discutidas/debatidas nos diferentes espaços formativos da sociedade. Os efeitos de translocalidade, repertórios e indexicalidade em um mundo pós-moderno, como pudemos observar, permeiam/constroem discursos nos espaços digitais, cada vez mais superdiversos, mostrando como as variáveis sociais, culturais e linguísticas se interligam à vida das pessoas. Nas palavras de Archer (1995) "atividades sociais entre pessoas (micro) representam o *ambiente* onde características de sistemas ('macro') são ou produzidas ou transformadas" (ARCHER, 1995, p.11), ou seja, é na relação entre o social e o sistêmico, na interação entre esses atores que pode (ou não) surgir alguma intervenção/transformação.

Nesse sentido, entendemos que o ambiente produzido precisa ser transformado e os enunciados discutidos neste artigo conferem identidade social para os interlocutores que buscam rupturas identitárias para discussões que levam ao extremismo, ao ódio e ao preconceito. Essas atividades humanas sociodiscursivas emanam sentimentos de pertença, validação e crenças que precisam ser debatidas sob vieses mais amplos na sociedade.

Ademais, Santos (2001) pontua que vivemos em tempos de dupla tirania, do dinheiro e da informação, que se encontram inter-relacionadas, pois fornecem as bases de um sistema ideológico que legitima determinadas ações/atitudes/valores de dada época e que, ao mesmo tempo, buscam conciliar um novo *ethos* nas relações sociais e interpessoais que influenciam o caráter e o modo de ser/agir das pessoas. Essa influência, nos excertos analisados, indica que os discursos translocais acabam por permear os discursos locais, que propiciam diferentes níveis de indexicalidades, que permitem a esses sujeitos apropriar-se de novos repertórios, identidades, além de promover mobilidade linguística.

As ordens de indexicalidades escolhidas por esses sujeitos que interagem no jornal *online* apontam que, a depender do grau da intensidade e da ideologização, elas mobilizam determinados valores que nos leva a considerar que "nesse mundo, o que conta é a possibilidade de compartilhar a informação de dividi-la com outros e, assim fazendo, ampliar as redes de relações sociais" (MOITA LOPES, 2010, p.399). Essas redes "ecoam" nos excertos analisados e ampliam a rede do discurso de ódio, pluralizam-se os caminhos, rompendo com a distância entre o local, o global e o tempo como conhecíamos ou, como bem situa o autor supramencionado, explica a compulsão incessante de passar a "informação" para os outros, ao invés de guardá-las para si

mesmo, em um movimento constante e incessante, típico dos discursos superdiversos em contextos digitais.

Entretanto, entendemos que devemos buscar, principalmente entre os jovens brasileiros, vínculos entre linguagem, produção de sentidos, contexto e comportamento social, que nos oriente para o entrelaçamento de diferentes culturas, de práticas discursivas do respeito ao coletivo, de posicionamentos sociais que lutam para o conhecimento/reconhecimento de diferentes visões de mundo e devemos apartar-nos dos discursos identitários, de manipulação, poder, posições ideológicas e identidades de vertentes xenófobas, racistas, discriminatórias e fundamentalistas.

REFERÊNCIAS

AMORIM, M. Cronotopo e exotopia. In: BRAIT, B. (Org.) *Bakhtin: Outros Conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2012.

ARCHER, M. S. *Realist social theory: The morphogenetic approach*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

BAKHTIN, M. *The Dialogic Imagination*. Austin: University of Texas Press: Ed. Michael Holquist, 1981.

_____. Questões de Literatura e Estética. In: _____. *A teoria do Romance*. São Paulo: 4ª. ed. Unesp/Hucitec, 1998 [1975].

_____. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003 [1952-53].

_____. *Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. 6ª. ed. São Paulo/Brasília: Hucitec, 2008 [1965].

BELINE, R. A variação linguística. In: FIORIN, J. L. (Org.). *Introdução à linguística I* (Objetos teóricos). São Paulo: Contexto, 2002.

BLOMMAERT, J. Chronotopes, scales and complexity in the study of language in society. *Tilburg Papers in Culture Studies*, Paper 121. Tilburg University, Babylon, Center for the Study of Superdiversity, 2015.

_____.; BACKUS, A. Superdiverse Repertoires and the Individual. *Tilburg Papers in Culture Studies*, Paper 24. Tilburg University, Babylon, Center for the Study of Superdiversity, 2012.

TANZI NETO, Adolfo; OLIVEIRA, Grassinete C. de Albuquerque. *Revista Intercâmbio*, v. XXXVIII: 46-68, 2018. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

_____. *The sociolinguistics of globalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

_____. A sociolinguistics of globalization. In: COUPLAND, N.; JAWORSKI, A. (Org.) *The new sociolinguistics reader*. Nova York: Palgrave Macmillan, 2009.

_____. Citizenship, Language, and Superdiversity: Towards Complexity, *Journal of Language, Identity & Education*, 12:3, 2013.

CASTELLS, M. *A sociedade em rede*. Volume 1. Tradução de Roneide Venancio Majer. 8. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000 [1996].

CHARAUDEAU, P. *Discurso das Mídias*. Tradução de Ana M. S. Corrêa. 2a. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

FABRICIO, B. Linguística Aplicada como espaço de desaprendizagem. In: MOITA LOPES, L. P. *Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Editora Parábola, 2006.

_____. A outridade lusófona em tempos de globalização: identidade cultural como potencial semiótico. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.) *Português no século XXI: ideologias linguísticas*. 1ª. ed. São Paulo: Parábola, 2013.

FAIRCLOUGH, N. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2001 [1992].

KUMARAVADIVELU, B. A linguística aplicada na era da globalização. In: MOITA LOPES, L. P. *Por uma linguística aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006.

MELO, G. C. V.; MOITA LOPES, L. P. Ordens de indexicalidade mobilizadas nas performances discursivas de um garoto de programa: ser negro e homoerótico. *Linguagem em (Dis)curso – LemD*, Tubarão, SC, v. 14, n. 3: 653-673, set./dez. 2014.

MOITA LOPES, L. P. Os novos letramentos digitais como lugares de construção de ativismo político sobre sexualidade e gênero. *Trabalhos em Linguística Aplicada, Campinas*, 49 (2), 2010.

PONTES, H. A indexicalidade na construção discursiva de identidades sociais. *Revista do Gelne, Piauí*, v.11, n.1, 2009.

TANZI NETO, Adolfo; OLIVEIRA, Grassinete C. de Albuquerque. *Revista Intercâmbio*, v. XXXVIII: 46-68, 2018. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

RAJAGOPALAN, K. O conceito de identidade em linguística: é chegada a hora para uma reconsideração radical? In: SIGNORINI, I. (Org.). *Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas: Mercado de Letras, 2006.

RYMES, B. Classroom Discourse Analysis: A Focus on Communicative Repertoires. In: HORNBERGER, N.; MCKAY, S. L. *Sociolinguistics and Language Education*. Bristol: Multilingual Matters, 2010.

SANTOS, M. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. 6ª. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SILVA, I. Plurilinguismo e superdiversidade em uma paisagem linguística fronteiriça. *III Seminário Internacional de los Espacios de Frontera (III Geofrontera)*, 2015. Disponível em: <http://humanidades.uni.edu.py/wp-content/uploads/2015/09/16-Izabel-da-Silva.docx>. Acesso em: 08 set. 2017.

SILVERSTEIN, M. Indexical order and the dialectics of sociolinguistic life. *Language & Communication* 23: 193–229, 2003.

_____. Language and the culture of gender: At the intersection of structure, usage and ideology. In: MERTZ, Elizabeth and PARMENTIER, Richard (eds.) *Semiotic Mediation: Sociocultural and Psychological Perspectives*. New York: Academic Press, 1985.

VERTOVEC, S. "Superdiversity' and its implications". *Ethnic and racial studies*, v. 30, n. 6: 1024-1054, 2007.